



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS DO DOURO

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino
Básico**

**Em que medida os alunos, cujos pais acompanham os tpc, têm melhor desempenho
escolar?**

Tânia Marina Ferreira Teixeira

Professor Doutor Paulo Dias

PENAFIEL

2015



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS DO DOURO

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Em que medida os alunos, cujos pais acompanham os tpc, têm melhor desempenho escolar?

Relatório Final apresentada ao Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e 1º ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica do Doutor Paulo Dias, Professor Dr. do Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais que já não se encontram entre nós. Pela educação que me deram, por me ensinarem a não desistir e a lutar pelo que verdadeiramente quero.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu marido António e às minhas filhas Rita e Carolina pela paciência e pela minha ausência, em muitos momentos durante estes anos. Aos meus sogros, ao meu irmão e à minha cunhada por estarem presentes quando precisei deles. Ao Professor Dr. Paulo Dias por me ter orientado na organização do meu relatório. Sem a vossa ajuda não teria conseguido concretizar o meu sonho.

Palavras-chave

Família, escola, tpc, sucesso escolar.

RESUMO

O presente trabalho enquadra-se na realização do relatório do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e tem como tema: “ Em que medida os alunos, cujos pais acompanham os tpc, têm melhor desempenho escolar?”. O estudo tem como objetivo geral obter um maior conhecimento acerca das relações entre a escola e a família, nomeadamente no que se refere aos trabalhos de casa, tpc. Desta forma decidimos optar por uma metodologia quantitativa com o recurso a instrumentos também de cariz quantitativo. De um modo geral, é fundamental no desempenho das nossas funções enquanto professores identificar corretamente as várias situações problemáticas para posteriormente se intervir e tentar minimizar as dificuldades e necessidades sentidas pelas crianças e também em alguns casos pela própria família. Focalizar, localizar e identificar os problemas são aspetos essenciais para se procurar solucionar.

No âmbito do trabalho que tivemos oportunidade de desenvolver em contexto escolar, procuramos com algumas atividades, promover a cooperação entre a escola e a família. Os familiares foram convidados a realizarem umas atividades livres e realizamos dois questionários onde concluímos que os pais, apesar de pouca disponibilidade interessam-se pelos trabalhos escolares dos seus filhos

Keywords

Family, school, homework, school success.

ABSTRACT

This work is part of the preparation of a Master report in Preschool Education and 1st cycle Teaching of Basic Education and it has as theme: “Do students, which parents accompany their homework, have a better school performance?” The study has as main general purpose to gain greater knowledge about the relationship between school and families, namely in what concerns to homework. Thus, I decided to choose a quantitative methodology and use instruments also with quantitative nature. In general, it is fundamental in the performance of our duties as teachers to identify correctly the various problematic situations to intervene later and to try to minimize the difficulties and needs experienced by children and also, in some cases, by the own family. Focus, locate and identify the problems are the crucial aspects to attempt to solve.

With the work which I had the opportunity to develop in schools, I wanted with some activities to promote the cooperation between school and family. Family was invited to do some free activities and I did two questionnaires, one directed to parents/guardians and another directed to children in order to realize the availability of the first ones have relative to help the second ones with their homework and if they consider it important to the intellectual progression of children.

“Educar crianças é talvez a tarefa mais importante e desafiadora que a maior parte de nós executa. É um compromisso para toda a vida – por vezes descrito como uma única tarefa que temos na vida – e o facto de a executarmos bem tem a probabilidade de ter um impacto nas gerações futuras, tendo um papel significativo na modelação dos valores e atitudes que os jovens tomam até às suas próprias relações adultas e a sua abordagem em serem pais por sua vez.” Pugh, De `Ath & Smith, 1994.

INDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTO	iv
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
INDICE GERAL	viii
INDICE DE FIGURAS	x
INDICE DE TABELAS	xi
INTRODUÇÃO.....	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
A FAMÍLIA E O SUCESSO ESCOLAR.....	3
1.1 A FAMÍLIA	3
1.2 A ESCOLA E A FAMÍLIA.....	5
1.3 OS TPC.....	10
METODOLOGIA	12
1.4 COMPONENTE QUANTITATIVA DO ESTUDO	12
1.5 INSTRUMENTO	12
CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA	15
1.6 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	16
1.6.1 CARACTERIZAÇÃO EXTERNA	16
1.6.2 LOCALIZAÇÃO.....	16
1.6.3 CARATERIZAÇÃO DO MEIO ENVOLVENTE.....	17
1.6.4 CARACTERIZAÇÃO DO MEIO (ATUAL).....	19
1.6.5 CARACTERIZAÇÃO INTERNA	20
1.6.5.1 CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO.....	20
1.6.5.2 CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO ESCOLAR DE CABEÇA SANTA.....	21
PROCESSO DE RECOLHA DE DADOS.....	23
RESULTADOS ÀS QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO	25
Questionário dirigido aos Pais/Encarregados de Educação	28

Questionário dirigido às Crianças/Alunos	32
CONCLUSÃO.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	37
WEBGRAFIA	39
ANEXO Nº 1 - Convite	40
ANEXO Nº 2 - Convite	41
ANEXO Nº 3 - Questionário dirigido aos Pais/Encarregados de Educação.....	42
ANEXO Nº 4 – Questionário dirigido às Crianças.....	45

INDICE DE FIGURAS

Fotos da atividade feita em casa com os pais.....	38
---	----

INDICE DE TABELAS

Tabela nº 1 - Sexo (Encarregado de Educação).....	27
Tabela nº 2 - Idade.....	27
Tabela nº 3 – Profissão.....	27
Tabela nº 4 – Habilitações Escolares dos Enc. Educação	28
Tabela nº 5 – Concorda com os TPC	28
Tabela nº 6 – Preocupa-se em saber, todos os dias, se o seu filho/educando trás TPC da escola?.....	29
Tabela nº 7 – Ajuda o seu filho/educando na realização dos TPC?.....	29
Tabela nº 8 – Concorda com a ajuda dos pais na realização dos TPC?.....	29
Tabela nº 9 – Se sim, quanto tempo passa com o seu filho para que ele faça os TPC?.....	30
Tabela nº 10 – Concorda que os TPC deverão ser prática a seguir pelo professor?.....	30
Tabela nº 11 –Sexo (crianças).....	31
Tabela nº 12 – Idades (Crianças).....	31
Tabela nº 14 – Concordas que é bom para os alunos o professor mandar TPC?.....	31
Tabela nº 15 – Gostas de fazer os TPC?.....	32
Tabela nº 16 – Tens ajuda para fazeres os TPC?.....	32
Tabela nº 17 - Quem te ajuda para fazeres os TPC?.....	32
Tabela nº 18 – Concordas que é importante que os pais/encarregados de educação te ajudem com os TPC?.....	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho baseia-se num relatório de estágio de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, promovido pelo Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro, no ano letivo de 2014/2015, e tem como orientador o Professor Dr. Paulo Dias.

No mundo em que vivemos, para termos uma sociedade equilibrada é fundamental construí-la sob uma base consistente e sólida. Fazem parte dessa base dois pilares muito importantes, a família e a escola, visto que, são duas instituições condenadas a cooperar numa sociedade escolarizada. (Perrenoud,1995).

A problemática pela qual inside o meu relatório é:” Em que medida os alunos, cujos pais/encarregados de educação, acompanham os tpc, têm melhor desempenho escolar? ”, e tem como objetivo geral tentar saber se as crianças têm alguma ajuda fora da escola, na família e se conseguem obter melhor rendimento escolar.

Nos tempos que decorrem é de grande importância haver uma cooperação entre a escola e a família pois, com a vida agitada que as pessoas levam, por vezes, certos sinais de alerta dados pelas crianças, passam por despercebidos no meio de tanta confusão. Os pais cada vez mais têm menos tempo para os filhos, e por vezes os problemas são detetados nas escolas pelos professores ou pelos auxiliares de ação educativa. É por isso que ao longo dos tempos a questão que agrupa as relações entre os pais (família) e professores tem vindo a ser um assunto de enúmeros debates, discussões e também de discórdias entre docentes, investigadores, pais e escolas. Encontra-se assim, aqueles que valorizam as relações entre a família e a escola e que acreditam nas suas vantagens e os que vêem a escola apenas como um local de aprendizagem onde os pais não devem intervir. Segundo Rebelo (1996), encorajar a ida dos familiares, pai, mãe ou os avós ao ambiente escolar é uma forma de os integrar na responsabilidade da escola e de tentar uma cooperação entre eles na educação da crianças. A família é um dos principais pilares da vida da criança no seu mundo social, pois é através dela que esta experiêcia as suas primeiras experiêcias sociais mas, essa educação sofre sempre influências externas (meio onde vivem, emprego dos pais, etc.) e também internas (idade dos pais, estrato social, etc.) sobretudo na atualidade, em que as crianças passam muito tempo na escola porque os pais passam a maior parte do tempo no trabalho.

Em Portugal a Lei de Base do Sistema Educativo assim como, a Legislação posterior relativa á autonomia das escolas, preveem a colaboração dos pais/encarregados de educação nos órgãos de gestão através dos seus representantes e garantem o direito dos pais a conhecer e acompanhar o percurso escolar dos seus filhos. De acordo com Marques (1997), quando os pais e os professores colaboram mutuamente, as escolas ganham porque se aproximam das comunidades e podem contar com apoios adicionais, os alunos e as famílias ganham porque melhoram o aproveitamento escolar e os pais ficam mais bem informados, acerca da educação e da escola. Seguindo esta corrente de uma forma positiva, Diogo (1998), refere que o trabalho do professor pode ser mais facil e satisfatório se receber a ajuda e cooperação das familias e os pais assumirão atitudes muito mais favoráveis face aos professores se cooperarem com eles. Neste caminho, é importante lembrar e referir que a escola sozinha não consegue vencer a batalha de obter um sucesso educativo, é necessário a união e o apoio das familias e também das instituições da comunidade. Desta forma, pretendemos através de uma metodologia quantitativa com recurso a instrumentos de cariz quantitativo, descrever as relações presentes entre a escola e os pais/encarregados de educação. Seguindo esta linha de pensamento e as autoras Madureira e Leite (2003), a colaboração entre a familia e a escola tem repercuições positivas no aproveitamento escolar e no comportamento dos alunos, qualquer que seja o grau de en sino e o grupo social em que a familia se insere. Nesse encontro, tentamos elaborar duas atividades, uma dentro e outra fora do ambiente escolar, que pusessem em colaboração a escola e a família, para perceber até que ponto é que a falta de tempo e disponibilidade constituem uma barreira ao sucesso escolar das crianças, não se experimentou para a educação informal nenhuma célula social melhor que a familia. É nela que se forma o caráter. Qualquer projeto educacional sério depende da participação familiar: em alguns momentos apenas o incentivo, em outros de uma participação efetiva no aprendizado, ou pesquisar, ao discutir, ao valorizar a preocupação que o filho trás da escola. Chalita (2004).

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A FAMÍLIA E O SUCESSO ESCOLAR

1.1 A FAMÍLIA

“Família é o contexto natural para crescer. Família é complexidade. Família é teia de laços sanguíneos e, sobretudo de laços afetivos. Família gera amor, gera sofrimento. A família vive-se. Conhece-se. Reconhece-se.” (Relvas, 1996, p.45).

Segundo a sociologia a família é um conjunto de pessoas que se encontram unidos por laços parentais. Esses laços podem ser de dois tipos: vínculos por afinidade, como casal e sanguíneos como a filiação entre pais e filhos. A família é a instituição fulcral da sociedade e uma parte importante da estrutura social. Representa uma das mais importantes funções da infância e também na evolução da criança, desde a seu nascimento passando na sua adolescência até chegar á idade de adulto. È através dela que o ser humano concretiza os seus primeiros contatos e interações proporcionando assim o seu desenvolvimento social. *“A família é uma rede complexa, de relações e emoções na qual se passam sentimentos e comportamentos que não são possíveis de ser pensados com os instrumentos criados pelos estudos de indivíduos isolados (...) a simples descrição da família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional desta estrutura.”* (Gameiro, 1998, p. 87). Quando se usa o termo família á muito importante que se tenha a atenção de que não existe um modelo familiar que seja mais ou menos universal; será mais apropriado falar em *“famílias”*. Como afirma Perreneud (2001), a família *“é um sistema complexo em constante evolução e de longa duração”*, não podemos ser levados a pensar que todas são iguais e que devem ser analisadas de uma forma estandardizada.

Para vários autores os pais têm como principal função fornecer as bases dos seus comportamentos onde estão também incluídos os papéis de transmitir valores e princípios de várias naturezas, tais como religiosos, morais , éticos, cívicos, sociais, etc. Os pais e a família apresentam um modelo a seguir pela crianças, pois é neste seio que irão desenvolver a sua identidade. Se nesse modelo familiar existirem incentivos e relações positivas, estes poderão proporcionar, futuramente, grandes vantagens na vida em sociedade da criança. Mas, caso esse ambiente seja exposto de uma forma negativa será provável que traga repercussões no seu desenvolvimento e na sua interação com a

sociedade. Para Santos (2004), a figura do pai e da mãe e o relacionamento que estes têm com a crianças é um ponto muito relevante e de extrema importância e cuidado no desenvolvimento saudável da crianças, pois ela tende a imitar os seus progenitores nas atitudes e comportamentos. Por isso, a família tem uma influência muito grande no desenvolvimento e na consolidação da personagem de cada um, pois é o primeiro e mais marcante lugar onde essa transformação acontece. Toda a criança tem direito a ter e viver numa família mas, essa família deve saber qual o seu papel em relação à criança. Deve transmitir-lhe tudo de bom e de positivo para a desenvolver na sua vida, para que futuramente ela continue a transmitir o que lhe foi ensinado. Se no seio familiar não existir um bom ambiente isso também se irá refletir no seu desenvolvimento proporcionando confusão e alterações na criança.

Um dos locais onde se verifica que a criança tem problemas a nível familiar é na escola, nos seus comportamentos, atitudes e também no seu desenvolvimento escolar. Se a base, a família, não se encontrar bem sólida e com estabilidade, as paredes, os filhos, terão dificuldades em se equilibrarem e por vezes uma das consequências desse desequilíbrio é a destruição da família desencadeando problemas bastante graves para todos, principalmente para as crianças. A instituição família onde, desde os tempos mais remotos, se centrava toda a educação dos mais novos, passou a ser um lugar onde as crianças permanecem menos tempo. Dentro deste contexto, para Monteiro (1996), a família que tenha um funcionamento saudável é aquela que conserva a capacidade de comunicar, interagindo e evoluindo com o exterior e cultivando os seus rituais, criando novos divertimentos conjuntos e organizando os seus tempos livres, sendo as festas e convívios o sinal mais sensível de saúde na família. A família saudável é aquela que é capaz de brincar em conjunto. Quando os pais brincam com os filhos estão a criar um espaço privilegiado de comunicação num ambiente descontraído que lhes vai permitir conhecer melhor os seus filhos, ou até mesmo reequilibrar qualquer relação conflituosa. Podem aproveitar esse momento para reforçarem coisas positivas que eles saibam fazer, consolidar aprendizagens e desenvolver novas capacidades. As brincadeiras em grupo ou em pares podem desenvolver o sentido de cooperação e a partilha de conhecimentos, aspeto que é muito importante na evolução das crianças.

1.2 A ESCOLA E A FAMILIA

Escola é um edifício, instituição formada por um conjunto de alunos, professores e auxiliares educativos onde se ministra o ensino e se tem o encargo de educar, seguindo programas e planos sistemáticos, indivíduos nas diferentes idades da sua formação.

Toda a criança deve ter direito ao seu acesso e é nela onde se exerce a educação através de uma ação formativa orientada por professores para fornecer o desenvolvimento global da personalidade da criança, do seu processo social para uma melhor democratização da sociedade. “*A escola constitui um espaço particularmente rico para a observação social. Pelo seu carácter obrigatório e universal, ela acolhe hoje duradouramente todas as crianças e jovens de uma dada classe etária, independentemente do sexo, condição social, origem étnica ou religiosa*”. (Almeida & Vieira, 2006, p. 64). É nela onde se podem encontrar e discutir várias questões sobre a sociedade, a desigualdade social em relação ao género, questões de cidadania, etc. A escola é, por todas estas razões, um sedutor e relevante objecto da *investigação em ciências sociais – ora em si mesma (...), ora como pretexto para captar e explicar processos globais de conservação ou mudança social*”. (Almeida & Vieira, 2006, p. 68). É uma instituição que complementa a família, juntas contribuem para o bem-estar das crianças e dos alunos e tem entre várias funções a de transmitir conhecimentos, contribuir para a socialização da crianças e sobretudo contribuir para o seu bom desenvolvimento aos níveis cognitivo, motor, afetivos, criativos e também para a interiorização dos valores dominantes na sociedade. Confirmando este pensamento Oliveira (2000), refere que o sistema escolar proporciona um ambiente multicultural que engloba a construção de laços afetivos entre professores e alunos e prepara-os para a inserção na sociedade, neste sentido a escola é o reflexo da sociedade, é um local onde se aprende sobre diversos temas do mundo, realizam-se variadas atividades, aprende-se a respeitar as diferenças a entender e a resolver problemas e conflitos.

A entrada da criança na escola será um complemento para a sua educação e é a partir desse momento que a família deve cumprir com a sua função externa, pois aí surgirá como um apoio ao serviço da escola, completando o papel educativo da criança.

Sabemos que as políticas educativas têm vindo a esforçar-se no sentido de se criar legislação que apoie o maior envolvimento das famílias na vida escolar dos seus filhos, o

que poderá ser um passo principal para a sensibilização dos pais e professores para a enorme importância de que é a relação entre a família e a escola. Para Marques (1998), os pais ainda não estão muito interiorizados com os sistemas escolares deveriam estabelecer um maior elo de ligação entre esta e as crianças para proporcionar uma melhor adaptação e envolvimento do papel da escola para as crianças. Mas, com o passar dos anos, já se pode verificar algumas alterações, para melhor, no que se refere à interação e colaboração dos pais nas escolas. Desta forma, pode-se verificar uma maior presença das associações de pais e encarregados de educação, elementos representativos dos pais nos órgãos da escola, onde têm direito de se expressar, intervir, interferir e debater conteúdos relacionados com o meio escolar. Participar ativamente nas atividades escolares prova às crianças que os pais se preocupam e se interessam por tudo aquilo que lhes diz respeito.

Hoje em dia o papel dos pais nas escolas deve ser visto como um complemento ao trabalho que é realizado pelos restantes elementos, um papel de apoio, de conforto, como uma rede de apoio para os momentos que surgem mais difíceis. É muito importante a presença dos pais no decorrer do tempo escolar, pois essa presença proporciona uma mais-valia e um contributo muito enriquecedor, tanto para o trabalho realizado no dia-a-dia, como também, no aproveitamento escolar das crianças. Para as crianças serem bem sucedidas na escola e crescer conscientes do seu valor e do esforço pessoal que exigem, os pais/professores têm que se envolver ativamente no processo de aprendizagem da criança. Estabelecer em conjunto com as crianças, uma rotina de estudo saudável ajuda-a a esclarecer dúvidas, a fazer com sucesso os trabalhos de casa e a interessar-se por assuntos que são abordados na sala de aula. Segundo Sampaio (1996), atualmente os pais têm pouco tempo para dar atenção aos seus filhos devido ao seu trabalho esquecendo-se que o trabalho de educar não diz respeito apenas à escola, este é um trabalho que requer participação e cooperação de ambas as partes para que se consigam melhores resultados e, principalmente que se resolvam questões e problemas que surjam contribuindo também para uma evolução saudável das crianças. Participar e contribuir positivamente para as atividades escolares valoriza e prova às crianças que os pais se preocupam e se interessam por aquilo que lhes diz respeito.

A relação entre a escola e a família encontra-se ligada às mudanças sociais, à vida em sociedade, à formação do cidadão, etc... Se não existirem famílias bem construídas, nem escolas bem organizadas, não se encontrarão pessoas civilizadas. A escola, por sua vez, deveria ter um papel relevante na capacidade de recolher e de dar respostas aos pais. A lógica da parceria entre pais e escola só faz sentido se cada um deles for capaz de

partilhar esforços e vontades. No acompanhamento dos filhos, é de competência dos pais criarem ambientes familiares que lhes proporcionem ambientes de aprendizagens a nível de valores e que também contribuam para uma assimilação da informação que lhes é fornecida na escola. A participação dos pais na vida escolar dos seus educandos é importante para o envolvimento com a escola e para o favorecimento e a reflexão de diferentes aspetos pedagógicos e psicológicos relacionados com os seus filhos e, nesse sentido, melhorar o seu desempenho escolar. Sendo assim, pode-se afirmar que a colaboração dos pais é de extrema importância dentro de uma escola. Não podemos deixar de salientar que a colaboração entre a família e a escola, por vezes, altera-se consoante o grau de ensino, as diferentes idades das crianças e também com as expectativas dos pais e dos professores e os seus objetivos.

Segundo Lima (2003), as designações associadas à relação família-escola têm sido as mais variadas, quer como sinónimos, quer através de expressões relacionadas. A família e a escola partilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão. (Rego, 2003). Todo o comportamento envolve integração que é feita a partir das interações que cada indivíduo estabelece com o meio em que está envolvido desde a sua nascença. O seu crescimento é um processo contínuo que irá passar por várias experiências e vivências de desenvolvimento e aprendizagem.

O ser humano no seu dia-a-dia estabelece limites nas ações, no contato com as outras pessoas que o rodeiam, numa constante interação intra e intergrupar. A esta interação chama-se socialização. Dois dos principais sistemas de socialização do indivíduo e dos mais importantes no decorrer da sua vida são a família e a escola. Para Bhuler (1980), este considera a família como aquele grupo que, mais do que qualquer outro, contribui para a manutenção da sociedade, mas, Musgrave (1984), defende a parcial incapacidade da família em cumprir essa função, justificando assim a existência da escola enquanto grupo de primordial importância na socialização do indivíduo. Segundo Davies (1989), existe uma diferença entre a família e a escola, ou seja, enquanto as crianças na família são tratadas como indivíduos, tendo uma relação prolongada e emocional, na escola são tratadas enquanto pertencentes de um grupo. Para Tavares (1992), o desenvolvimento da criança é o resultado de interações complexas entre diferentes sistemas ecológicos de que a criança é parte, quer seja a família, a escola ou ainda outras instituições. Neste sentido, todas as famílias têm aspetos que contribuem para o desenvolvimento da criança e cabe á escola reforçá-los.

A escola deve manter sempre, que lhe for possível, um diálogo permanente com todos aqueles que, de uma forma ativa, interveem no processo de formação e orientação dos alunos, isto é, deve existir uma relação intrínseca. Esta relação é possível, só e só se, a escola abrir as suas portas á família e á comunidade, dando-lhes espaço e oportunidades, fazendo-os sentirem-se elementos dignificantes e cooperantes, que ao participarem/envolverem estarão a zelar pelos seus interesses e acima de tudo, pelos interesses dos seus filhos, contribuindo também para uma melhor sociedade no futuro. Deste modo, Marques (1991) afirma que pais que se envolvem na educação dos próprios filhos e que comunicam de forma positiva com os professores, tendem a encarar o professor com mais simpatia e apreço. Deverá, assim, haver um envolvimento afetivo entre a escola e a família, de modo a poder haver um maior conhecimento, compreensão e acompanhamento do desenvolvimento da criança.

A educação da criança compete aos professores e a todos aqueles que são modelos da vida social, sendo assim, a família tem de estar incluída os processos educativos, esta tem como função completar a escola. A educação que vem de casa deve ser tida em contato, pois as atitudes das crianças são o reflexo das aprendizagens adquiridas em casa, sendo assim, as instituições devem procurar maneiras de incentivar as famílias a participarem em atividades que possibilitem a educação dos alunos. A escola depende da família e vice-versa, na garantia e desejo de um melhor futuro para as crianças e consequentemente para toda a sociedade.

A Lei de Bases do Sistema Educativo prevê o direito dos pais a conhecer e a acompanhar o percurso escolar dos seus filhos. Segundo Madureira (2003), a família deveria participar em ações promovidas pela escola, na ajuda da realização dos trabalhos escolares e até mesmo em atividades na sala de aula. A colaboração da família-escola constitui um fator fundamental para o desenvolvimento da criança e é fundamental durante o processo de inserção da criança na vida escolar. É fulcral a comunicação entre casa/escola e escola/casa, ou seja, é importante existir uma grande cooperação ao nível do corpo docente e da comunidade escolar para que desta forma possa haver um trabalho de equipa que trará benefícios para as crianças, sendo um fator decisivo para o sucesso na aprendizagem. Os pais estando mais presentes nas escolas possuem o direito e responsabilidade que irão influenciar o aproveitamento dos seus filhos. A proximidade entre pais e professores permite uma estratégia conjunta para ajudar a ultrapassar dificuldades (de aprendizagem, socialização ou outras) com sucesso e otimismo. Para os pais é, também uma forma de obter informação sobre o que podem fazer em casa para contribuir para o

suceso escolar dos seus filhos. A família e a escola são parte integrante da vida da criança e manter um fio conductor e o equilíbrio entre os dois espaços é saudável e vital para a crianças. Transmite confiança, segurança e cria um clima propício à partilha de experiências.

“A família é um poderoso agente de construção, erosão e reconstrução do campo escolar. Por isso uma escola não é igual a outra escola; e por isso também há várias escolas dentro da mesma escola. Em sociedades democráticas, esta diversidade deve ser encarada (...) como uma riqueza, como um trunfo – e não como uma ameaça, um obstáculo ou um empecilho a eliminar.” (Almeida & Vieira, 2006. p. 93).

1.3 OS TPC

“Os trabalhos de casa (TPC) são uma das estratégias pedagógicas mais popularizadas em diversos países, diferentes gerações e graus de ensino, (Mourão, 2004, p. 23), e é uma complexa estratégia educativa que faz parte da vida escolar das crianças. Os TPC são um assunto ao qual trás várias controvérsias, pois existem os que defendem os TPC e os que são totalmente contra esta estratégia, é alvo de vários elogios, mas também de inúmeras críticas. Considerado como um componente importante do processo ensino-aprendizagem, é uma estratégia escolhida como ajuda á consolidação de conteúdos, é um trabalho académico prescrito na escola, pelo professor e que deve ser completado pelos alunos fora da escola, em horário extra letivo, geralmente em casa e deste modo, sem orientação direta do professor durante a sua realização. (Cooper, 1989). Por outro lado, Hong e Milgran (2000), definem o TPC focando-se mais numa perspectiva procedimental, ou seja, para estes autores fazer os TPC é um processo que ocorre quando o aluno inicia, faz um esforço continuado, e que completa em casa ou noutro contexto, fora da escola as tarefas de aprendizagem que lhe foram propostas na escola. “O TPC é muitas vezes utilizado pelos professores para desenvolver nos alunos competências escolares extra-aulas”, Rosário (2004, p. 61), e que segundo Cooper (1989) este quando é praticado com eficácia poderá fortemente traduzir-se numa competência que o aluno vai adquirindo ao longo do tempo e que irá levar a desenvolver iniciativa, auto-disciplina, responsabilidade, independência e capacidade de gestão de tempo.

Para vários autores os TPC são vistos como um processo complexo que envolve uma rede de dimensões desencadeada pela interação de vários agentes e diferentes contextos: a escola, a família, o aluno e o ambiente. Todos estes agentes são pontos determinantes no grau de eficácia do TPC e cada um exerce uma responsabilidade diferente: os professores planeiam e prescrevem as tarefas que os alunos terão de realizar, os alunos deverão realizá-las e a família, os pais ou outros agentes educativos poderão ou não colaborar no seu processo de realização, mediante o tipo de TPC em causa.

Todos estes agentes são pontos determinantes no grau de eficácia do TPC e cada um exerce uma responsabilidade diferente: os professores planeiam e prescrevem as tarefas que os alunos terão de realizar e a família, os pais ou outros agentes educativos poderão ou não colaborar no seu processo de realização, mediante o tipo de TPC em causa.

Cooper (2001), classifica os benefícios dos TPC em quatro categorias: efeitos académicos imediatos (como por exemplo uma melhoria do pensamento crítico e uma melhor retenção de conhecimentos e de factos), efeitos académicos a longo prazo (o incentivo e a aprendizagem em momentos de lazer, há uma melhoria da atitude face à escola e melhores hábitos de estudo), efeitos não académicos (uma melhoria na autodisciplina e organização do tempo e resolução de problemas realizada de forma mais independente) e também efeitos a nível do envolvimento parental (um maior interesse e envolvimento dos pais na vida escolar dos seus filhos). Os TPC servem ainda para desenvolver na criança a sua auto-regulação, ou seja, leva a que as crianças, alunos, se tornem mais responsáveis por regular o seu próprio comportamento, por vezes com a ajuda dos pais. Segundo Silva (2004); Schunk & Zimmerman (1994), o conseguir gerir o tempo, verificar o trabalho, hierarquizar as tarefas, desenvolver competências de estudo, promover a autonomia e fomentar uma aprendizagem ao longo da vida, fora da educação formal são alguns dos aspetos de aprendizagem auto-regulada que o trabalho de casa (TPC) pode ensinar. Para que se obtenha um melhor rendimento e benefício é necessário que na marcação dos TPC os professores planeiem as tarefas de modo a que *“permitam aos alunos definir objetivos pessoais, que controlem a sua realização e que avaliem o seu desenvolvimento”*. (Rosário, 2004, p. 72)

A realização dos TPC ajuda a criança a criar rotina de estudo e também a esclarecer dúvidas, a fazer com sucesso os trabalhos de casa e a interessar-se por assuntos que não são abordados na sala de aula. A pesquisa de informação, a troca de ideias com os pais, o aprender a fazer a mesma coisa de forma diferente, estimula a criança a querer saber mais e proporciona-lhe uma grande sensação de realização. Esta rotina de estudo irá ajudar os pais a perceber que e como a matéria está a ser dada, se o programa curricular está a ser ou não cumprido e as dificuldades de aprendizagem da criança.

Pode-se apontar como desvantagem do TPC, como as investigações têm demonstrado, que os alunos podem sentir-se frustrados quando confrontados com tarefas que não percebem. (Muhlenbruck, et al, 2000). Segundo Cooper (2001), a investigação tem mostrado que os TPC podem contribuir para o aumento da fadiga física e emocional, para a diminuição do tempo de lazer e das atividades comunitárias, o uso da batota ou o abuso da excessiva utilização da ajuda de terceiros e o agravamento do fosso entre *“bons”* e *“maus”* alunos. Apesar da controvérsia, o TPC institui-se como rotina curricular, verificando-se uma grande constância e uniformidade das práticas dos docentes com eles relacionados.

METODOLOGIA

1.4 COMPONENTE QUANTITATIVA DO ESTUDO

“Perceber quais os (possíveis) pontos de contato entre a educação escolar e a educação familiar significa entender como esta lógica de funcionamento da escola (...) se configure numa relação de continuidade ou descontinuidade com a cultura das famílias dos diferentes grupos sociais. Por outras palavras, significa entender a relação escola-família como relação entre culturas.” Silva (1993, p. 41).

A pesquisa quantitativa é feita através de um estudo estatístico que se destina a descrever as características de uma determinada situação, medindo numericamente as hipóteses levantadas a respeito de um problema de pesquisa. As informações são recolhidas por meio de um questionário estruturado com perguntas claras e objetivas que ajudam a garantir a uniformidade de entendimento dos entrevistados. Este tipo de metodologia está especialmente projetada para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística, as questões devem ser diretas e facilmente quantificáveis, a amostra deve ser, dentro da medida do possível, suficiente para possibilitar uma análise confiável. A análise dos dados quantitativos e dos cruzamentos entre diversas informações recolhidas irão produzir algo qualitativo.

1.5 INSTRUMENTO

“O questionário é um instrumento de observação não participante, baseado numa sequência de questões escritas, que são dirigidas a um conjunto de indivíduos, envolvendo as suas opiniões, representações, crenças e informações factuais, sobre eles próprios e o seu meio”. (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 122)

O questionário é um instrumento de investigação que tem como objetivo a recolha de informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, colocam-se algumas questões sobre o tema em pesquisa pelos investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos. Alguns autores consideram que os questionários são meros testes compostos por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito ao sujeito e incide sobre as opiniões, sobre os seus gostos, o seu comportamento em certas circunstâncias, os seus sentimentos e interesses. (Ludke & André, 1986).

Segundo Pires, (1998), o inquérito é, de facto, uma técnica de construção de dados que mais se compatibiliza com a racionalidade instrumental e técnica que tem predominado nas ciências e na sociedade em geral. Por outro lado, é uma das vias de acesso às racionalizações que os sujeitos fazem das suas recolhas e das suas práticas. O grande objetivo da realização de um inquérito é reunir os dados que podem ser estudados estatisticamente para se poder divulgar padrões ou regularidades. Normalmente os inquéritos poderão fornecer uma informação menos pormenorizada, contudo podem ser distribuídos a um universo mais alargado. Através da aplicação de questionários, a um público-alvo constituído, por exemplo, pelos Encarregados de Educação, é possível recolher informações que possibilitem conhecer a sua opinião sobre, por exemplo, a importância da relação família-escola, assim, como tentar um melhoramento das metodologias de ensino podendo, a partir daí desenvolver estratégias mais adequadas aos objetivos que se pretendem atingir.

A importância dos questionários está também relacionada com a facilidade com que se pode questionar um elevado número de pessoas, num curto período de tempo. Mas, como tudo, os questionários além de apresentarem vantagens, também apresentam algumas desvantagens. As vantagens dos questionários são: por ser por escrito, as questões embaraçosas não inebem o entrevistado, existe menos possibilidades de enviesamento do inquiridor, a análise pode ser automatizada e podem ser aplicados a um elevado número de pessoas num curto espaço de tempo. Por sua vez nas desvantagens existe a impossibilidade de ajuda no caso de o inquirido não perceber o sentido da pergunta, há poucos recursos para motivar o inquirido a responder, há uma possível superficialidade das respostas e uma impossibilidade de acrescentar dados suplementares.

Quando colocamos estes questionários aos alunos e aos respetivos pais com perguntas sobre a importância dos TPC, se existia a ajuda dos pais para a realização dos TPC, se estes eram de acordo com esta prática ou não, tínhamos como objetivo

perceber até que ponto existe disponibilidade dos pais para a ajuda aos filhos nos trabalhos fora do ambiente escolar e principalmente se, existindo essa ajuda esta influenciava a aprendizagem da criança e o seu desenvolvimento escolar.

CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A população ou universo estatístico do nosso estudo é constituído pelas pessoas em ação (alunos, pelos Encarregados de Educação e Professores). Segundo Ludke & André (1986), a população é um conjunto de elementos entre os quais se poderá escolher a amostra, ou seja, o conjunto de elementos que possuem as características que queremos observar e tentar retirar resultados.

Segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 83), “*A amostra é a parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo*”. Nem sempre as amostras refletem a estrutura da população de onde foram retiradas ou são representativas dessas populações, podendo levar a resultados incorretos e não muito específicos. Para levar a cabo nossa pesquisa escolhemos como amostra os alunos do 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, do Centro Escolar de Cabeça Santa e os respetivos Encarregados de Educação.

É uma turma do 1º ano do Centro Escolar de Cabeça Santa, pertencente ao Agrupamento de Escolas Penafiel Sudeste, onde efetuamos o estágio em Prática Pedagógica. É constituída por 22 alunos, 9 meninas e 13 meninos que estão na faixa etária dos 6 e 7 anos, são provenientes de um meio social simples e onde todos se conhecem e ajudam mutuamente, são provenientes de famílias de baixo e médio nível económico.

1.6 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

1.6.1 CARACTERIZAÇÃO EXTERNA

O Centro Escolar de Cabeça Santa, Instituição em questão, pertence ao Agrupamento Vertical de Escolas de Penafiel Sudeste, que, como refere o nome, está integrado no Concelho de Penafiel.

Neste capítulo apresentar-se-á, em traços gerais o presente concelho. Assim como a Aldeia de Cabeça Santa, de forma mais pormenorizada, sendo esta a localização do Centro Escolar.

1.6.2 LOCALIZAÇÃO

De acordo com a informação recolhida na página de Internet oficial da Câmara Municipal de Penafiel, consultado no dia 02 de junho de 2015, o concelho de Penafiel situa-se entre o rio Tâmega e o rio Sousa que têm como rumo o rio Douro. Esta cidade pertence ao distrito do Porto e encontra-se a cerca de 35 Km da capital do mesmo, Porto.

Penafiel tem aproximadamente uma área de 212,8 km², o Concelho tem cerca de 72000 (338,4 hab./ hm²) habitantes distribuídos pelas 38 freguesias pelo qual é constituído.

Encontra como limites o Município de Lousada a Norte, o de Amarante a Nordeste, o Município de Marco de Canaveses a Leste, a Sul pelo de Castelo de Paiva e, a Oeste, encontramos os municípios de Paredes e Gondomar.

Integra a Comunidade Urbana do Vale do Sousa e Tâmega, numa paisagem de terras fundas e úberes, onde tudo é verde, mais intenso nas áreas irrigadas de prados e campos rodeados por ramadas e nos novos vinhedos, mais apagado nas manchas florestadas com pinheiro e eucalipto. O povoamento mostra-se contínuo, denso mas disseminado, com muitas unidades de pequena indústria e comércio de permeio com novas residências e casas rurais, campos mantidos com apego pelo trabalho a tempo parcial,

pulsar também sentido na intensidade das migrações pendulares, no tráfego e na ocupação à margem das estradas.

A indústria extrativa, a construção civil e o comércio e serviços empregam grande número de trabalhadores, bem como as empresas sedeadas nas modernas áreas industriais, só ultrapassado pelo dedicado ao comércio e serviços, confirmando a vocação terciária do município e sobretudo do seu centro urbano, durante dois séculos a única cidade do distrito para além do Porto.

1.6.3 CARATERIZAÇÃO DO MEIO ENVOLVENTE

De acordo com as informações recolhidas nas páginas oficiais da Junta de freguesia de Cabeça Santa e da Câmara de Penafiel, consultados no dia 24 de outubro de 2014, a presente freguesia é povoada em épocas remotas, tem a documentá-lo sepulturas pré-históricas, encontradas junto da sua Igreja Matriz, que foi mandada construir por D. Mafalda, esposa de D. Afonso Henriques, e traça a românica. Mais tarde, a fundação da Freguesia, deverá ter sido feita pela Rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I.

A paróquia de Cabeça Santa, só adquiriu esse nome, segundo parece, na primeira metade do Séc. XVIII, chamando-se até então pela freguesia de S. Salvador de Gandra. O Padre Carvalho da Costa, na sua famosa “Corografia”, que principiou a publicar-se em 1706, ainda a menciona com este último nome entre aquelas que em tal época constituíam o “concelho e julgado de Penafiel de Sousa”.

É certo, entretanto, que em 1767 já o “Portugal Sacro-Profano” a incluía com o nome de «Cabeça Santa» no seu “catálogo alfabético”.

As razões que levaram a população local a pretender a mudança do nome deve-se, certamente, ao fervor do culto que em toda a “Terra de Sousa” e povoados limítrofes se rendiam outrora a uma relíquia célebre, um bocado de crânio de origem desconhecida a que se atribuem graças milagrosas, que durante longos séculos se venerou na sua Igreja. De onde veio, ou a que Santo ou Santa pertenceu, nunca ninguém o soube dizer, nem nenhuma lenda ou tradição o explica. Apenas consta que, desde sempre, tal relíquia esteve exposta à veneração dos fiéis, num altar privativo existente na nave, do lado do Evangelho.

Nos últimos anos do Séc. XVII, o Padre António de Carvalho da Costa, um dos maiores historiadores da época, diz tê-la aí visto, relíquia que deu nome à localidade e acabou por ser furtado no verão do ano de 1981. O furto foi investigado pela Polícia Judiciária, mas nunca se veio a encontrar o autor. A Igreja do Salvador da Gândara, foi declarado Monumento Nacional pelo Doc. Nº14425 DG 228 de 15 de Outubro de 1927, ZEP, DG 188 de 15 de Agosto de 1951 e íntegra a Rota do Românico do Vale do Sousa.

Segundo alguns especialistas, uma cópia modesta da Igreja de Cedofeita, no Porto, com a qual possui vários pontos de contacto, nomeadamente ao nível da decoração.

Os mesmos artistas deverão ter trabalhado nos dois monumentos, a avaliar pela representação de dois estilizados dragões de corpo de ave, que inclinam o pescoço para morder outros seres dispostos em posição inferior, localizada num dos capitéis do portal lateral sul, idêntico a outro existente no portal principal de Cedofeita.

A itinerância dos artistas do românico é habitual nesta época, estando perfeitamente contextualizada com a realidade histórico-geográfica da região do Tâmega e Sousa.

No mesmo portal sul de Cabeça Santa existe um capitel representando um acrobata de corpo arqueado, formando uma espécie de ponte, que tem sido considerado um dos melhores exemplares da escultura do românico do Norte.

O interesse de Cabeça Santa não se resume somente à arte românica, mas à génese do seu nome. Em data incerta, uma igreja dedicada ao Salvador passa a ser conhecida como de Cabeça Santa, muito provavelmente devido à existência de uma imagem de grande devoção.

Nas Inquirições de 1258 a Igreja é referida sob a designação de São Salvador da Gândara, denominação que irá manter até ao século XVII, quando começa a ser também intitulada de Cabeça Santa, em referência a um crânio guardado em relicário de prata e exposto em altar próprio, situado na nave da Igreja.

Nas traseiras do templo existe um conjunto de sepulturas antropomórficas escavadas na rocha muito bem preservado, cuja datação é anterior à Igreja do século XIII, indiciando uma ocupação em plena Alta Idade Média.

Da Época Moderna apenas resta a Capela de Nossa Senhora do Rosário, espaço quadrangular existente a norte, revestido por talha e azulejos barrocos.

Como património cultural e edificado, encontramos além da Igreja matriz, as Capelas do Senhor dos Aflitos, da Sagrada Família e da Senhora da Oliveira, as casas das Pedras, de Perosinho e da Capela e finalmente o Cruzeiro das Lampreias.

1.6.4 CARACTERIZAÇÃO DO MEIO (ATUAL)

Seguindo ainda as informações retiradas nas mesmas fontes, freguesia de Cabeça Santa encontra-se situada na zona centro-leste do concelho de Penafiel, integrando-se nas bacias das Ribeiras de Camba e Ribeira das Lages.

Com uma área de 6.9 km² e uma densidade populacional de 366.1 habitantes por km², perfazendo um total de dois mil quinhentos e trinta e sete (2537) habitantes, encontra-se delimitada pelas freguesias de Oldrões, Valpedre, Pinheiro, Paredes, Portela, Rio de Moinhos e Peroselo, dista sete quilómetros da cidade de Penafiel.

Inicialmente, a freguesia de Cabeça Santa chamou-se S. Salvador da Gândara e foi ponto de convergência na passagem de populações migratórias, mantendo vestígios das antigas vias de comunicação ascendente ou descendente á via natural de penetração no interior, que na altura era o rio Douro.

Apenas 20% da população ativa trabalha na agricultura. No sector secundário, além da construção civil, destaca-se a extração e exploração de granito, bem como as confeções têxteis. Quanto ao terciário, a maior parte dos serviços pode ser encontrada em Penafiel.

No que diz respeito á ação social, está em vista a construção de um lar para a terceira idade e de um centro de dia e ainda a disponibilização de uma carrinha para transporte dos mais idosos, bem como a fundação de uma casa da cultura e convívio, que poderia servir para estreitar as relações da comunidade local e evitar problemas que podem afetar sobretudo os jovens, tais como a droga, o alcoolismo e outras.

No binómio desporto/cultura, desempenham papel importante três coletividades: a Associação Desportiva e Recreativa de Cabeça Santa, a Associação Recreativa Unidos Ao Cruzeiro e a Associação Recreativa e Cultural de Cabeça Santa, que se dedica ao teatro. Para além de um campo de futebol, dispõe a sua população de um salão de festas.

Relativamente às associações socioculturais, a freguesia conta com um rancho folclórico infantil e uma associação recreativa e cultural.

1.6.5 CARACTERIZAÇÃO INTERNA

1.6.5.1 CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO

De acordo com as informações recolhidas na página de internet oficial do Agrupamento de Escolas Penafiel Sudeste, consultado no dia 27 de outubro de 2014, a escola sede do Agrupamento Vertical de Escolas Penafiel Sudeste é a escola Básica do 2º e 3º Ciclos de Penafiel Nº 3, Situada na freguesia de Cabeça Santa, concelho de Penafiel. Esta escola serve as freguesias de Abragão, Boelhe, Cabeça Santa, Luzim, Peroselo, Rio de Moinhos e Vila Cova.

A escola passou a sede do Agrupamento no ano letivo de 2003/2004, neste ano, os jardins-de-infância já faziam parte do grupo de escolas do agrupamento.

A empresa de transportes públicos, Valpi, sediada em Penafiel é que assegura o transporte escolar aos alunos do agrupamento, e uma empresa de táxis selecionada em concurso fornece os serviços de transporte dos alunos com deficiências, motoras e mentais.

Ao agrupamento pertencem oito jardins-de-Infância, onze escolas do 1º ciclo, dois centros escolares e uma escola básica 2/3, sendo esta, a escola sede do agrupamento.

Distribuídos por todas as instituições, desde os Jardins-de-infância, passando pelos 1º, 2º e 3º ciclos e pelo CEF.

A população da região onde se inserem as escolas do Agrupamento, dedica-se essencialmente à extração e transformação do granito, à agricultura (de subsistência), havendo também algumas fábricas ligadas às indústrias têxtil e de lacticínios. A construção civil e obras públicas são também sectores importantes na economia local. No entanto, é a indústria extrativa do granito e a agricultura que se apresentam como as principais atividades económicas. (Projeto Educativo do Agrupamento, 2009/2012).

1.6.5.2 CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO ESCOLAR DE CABEÇA SANTA

O Centro Escolar de Cabeça Santa com Jardim-de-infância incluído pertence ao Agrupamento de Escolas de Penafiel Sudeste. Fundado em setembro de 2011, situa-se na freguesia de Cabeça Santa, Concelho de Penafiel, Distrito do Porto. Para a criação deste centro escolar foram utilizadas as instalações já existentes do antigo jardim-de-infância e o espaço circundante, no qual foi construído um edifício onde funciona agora o 1º ciclo e o pré-escolar. As antigas instalações estão destinadas às aulas extra curriculares, música, inglês, e educação físico-motora.

A área destinada ao 1º Ciclo é composta por cinco salas de aula todas em funcionamento, nas quais existe um computador, um quadro interativo e um retroprojetor; Casa de banho (uma masculina, uma feminina e uma para professores); duas arrecadações; um centro de cópias que serve todo o centro escolar; A área referente ao pré-escolar é constituída por duas salas e duas arrecadações. No andar inferior encontra-se a sala de professores equipada com dois computadores e duas impressoras/fotocopiadoras; o refeitório e a cozinha que funcionam em comum com o JI e o 1º ciclo; casas de banho (uma masculina, uma feminina e uma para professores) e uma sala de apoio ao JI. As instalações destinadas às aulas extra curriculares são constituídas por: três salas e um polivalente, casas de banho e uma pequena cozinha, em funcionamento só para as funcionárias e um balneário.

No exterior existe um campo de jogos, um parque com escorrega e baloiços. Toda a área de terreno pertencente ao centro escolar está vedada impossibilitando a entrada de estranhos ou a saída de alguma criança das instalações, mantendo-se sempre os portões fechados. As cargas e descargas são normalmente realizadas por um portão na parte de trás e em horas em que os alunos estão nas salas de aulas.

O número de alunos que constitui cada turma varia entre os 20 e 26. A turma de primeiro ano conta com vinte e três alunos, a do segundo ano com 20 alunos, pois tem dois alunos NEE, a turma do terceiro ano tem vinte e dois alunos e a do quarto ano tem vinte e três alunos. Existe uma outra turma constituída por seis alunos do segundo ano e dez alunos do quarto ano, fazendo um total de dezasseis alunos.

As atividades escolares iniciam às 9h e terminam às 17he30m com intervalo para reforço alimentar das 10h às 10he30m, para almoço das 12he30m às 14h e intervalo para

lanche 16h às 16h e 30m. As atividades educativas ao longo do horário escolar são divididas entre as áreas curriculares (matemática, português e estudo do meio) e as de enriquecimento curricular (expressão físico-motora, expressão musical e inglês).

O corpo docente a lecionar no primeiro ciclo é constituído por cinco professores titulares de turma, um professores de apoio, Um de apoio a crianças com NEE, um professore de expressão físico-motora, um professore de expressão musical, um de inglês e ainda uma professora bibliotecária que comparece no centro uma a duas vezes por semana por acumulação de tarefas também presta apoio a alunos com mais dificuldades em outros estabelecimentos. Fazem parte do quadro de assistentes operacionais cinco pessoas e mais duas cozinheiras.

A biblioteca é um espaço aberto a toda a comunidade escolar, JI e 1º Ciclo, embora as atividades lá realizadas sejam escassas.

PROCESSO DE RECOLHA DE DADOS

Para tentar que houvesse uma maior relação entre a família e a escola propusemos às crianças que levassem um convite para casa dirigido aos Encarregados de Educação (anexo nº1). Neste convite fazia-se uma proposta para que viessem um dia á escola assistirem a uma aula com os seus educandos e que tentassem participar nas atividades que decorressem durante a aula. Infelizmente esta proposta não teve aderência de nenhum Encarregado de Educação pois alguns estavam em horário laboral e outros simplesmente não quiseram colaborar. Então, para tentarmos conseguir a aderência dos pais de algum modo, decidimos propor uma atividade diferente, uma atividade fora do ambiente escolar, fora da hora de trabalho para ver se estes já se disponibilizavam mais para ajudar nos trabalhos extra escolares. Convidamos os pais, juntamente com os filhos, a construir qualquer coisa, sem tema obrigatório, com produtos e materiais reciclados, basicamente concentia em elaborarem uma peça que tivesse e que lhe dessem utilização a partir de materiais que á partida iriam para o lixo, já não seriam mais usados. Conseguia-se assim trabalhar várias temáticas, a reciclagem, o aproveitamento de materiais, o excesso de consumismo, etc, com os alunos e efetuava-se um elo de ligação entre a escola e a família. Esses trabalhos iriam depois ser expostos durante uma semana no espaço da biblioteca escolar onde as outras turmas, os outros encarregados de educação e até pessoas da comunidade poderiam visitar. A esta atividade a aderência foi quase de 100%, enviamos pelas crianças o convite, numa sexta-feira, para que a atividade pudesse ser feita durate o fim de semana. Nessa atividade tivemos sucesso com toda a diferença. Notou-se que, por vezes os pais não são mais presentes, na vida escolar, por causa do seu trabalho, não têm tempo nem paciência para os filhos. Como foi uma atividade durante o fim de semana, estes já conseguiram um tempo para aderiram às atividades propostas pele escola. As crianças chegaram á escola todos contentes com o que tinham construído com os pais. (anexo nº1 e nº2 e nº3).

Para completar a realização deste estudo decidimos também realizar inquéritos por questionário compostos por perguntas fechadas e duas de resposta aberta aos pais/encarregados de educação (anexo nº4) e apenas de perguntas fechadas ás crianças (anexo nº5). Não foi necessário fazer algum pedido, ao Agrupamento, para a elaboração do

questionário, pois já em outros anos fizemos prática pedagógica nesse local e tínhamos autorização para fazer o que precisássemos.

O questionário foi realizado a 22 crianças do 1º ano e também aos pais/encarregados de educação. Em ambos os questionários existia o campo para colocarem a idade e o sexo, no questionário dos pais existia ainda o campo para a profissão, para as habilitações escolares e também duas perguntas de resposta aberta. No questionário das crianças era apenas para colocarem um X na resposta que pretendiam dar. Ambos os questionários eram anónimos, não tinham campo para identificação pessoal.

RESULTADOS ÀS QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO

Para uma melhor análise dos resultados obtidos com a realização dos questionários, elaboramos tabelas. Foram feitas tabelas correspondentes aos elementos dos participantes e para cada pergunta que era colocada. Nessas tabelas eram quantificadas as respostas referentes á pergunta a que se referia. No final do preenchimento das tabelas, com os dados recolhidos, chegamos aos seguintes resultados.

O questionário dirigido aos pais era composto por três partes, no início existiam quatro campos que teriam de ser completados com dados dos encarregados de educação, sexo, idade, profissão e habilitações literárias (Tabela nº 1, 2, 3 e 4). As perguntas nº 1 e nº 2 foram perguntas de resposta aberta, onde se pergunta a opinião pessoal dos pais/ encarregados de educação sobre os TPC, as suas vantagens e desvantagens e as restantes perguntas, 7 eram de resposta direta.

Pergunta nº1 - Do seu ponto de vista, porque é que os trabalhos de casa (TPC) podem ser úteis para melhorar os resultados escolares? Que vantagens podem ter?

Nesta pergunta os pais responderam que acham os TPC úteis porque as crianças ao realizar as tarefas, enviadas pelo professor, estão a exercitar a matéria dada na sala de aulas, podem ver onde os seus filhos encontram mais dificuldades e dúvidas, para depois as exporem ao professor e serem esclarecidos. É uma maneira dos pais seguirem, de uma forma mais ou menos alargada, a evolução dos conteúdos escolares e também o desenvolvimento do seu filho. Existiram também pais que referiram que a realização de TPC, é uma prática que faz com que as crianças/filhos ganhem responsabilidades e que também criem hábitos de estudo. Defendem também que com a exercitação das matérias e conteúdos, dados em ambiente escolar, na realização dos TPC, ajuda a que os seus filhos atinjam com mais facilidade melhores resultados escolares.

Na pergunta dois, Vê algum aspeto negativo em relação às crianças levar trabalhos de casa (TPC)? O que poderia ser feito para o evitar? Em quase todos os questionários foram apresentadas algumas desvantagens. As mais referidas foram: por vezes as crianças levam TPC em excesso e têm pouco tempo para o fazer, visto que, também passam muito tempo na escola e chegam a casa muito tarde. A falta de tempo, o desconhecimento dos conteúdos e do modo como são ensinados, por parte dos pais, para ajudar as crianças a

fazerem os trabalhos, deixam-nas nervosas e ansiosas e por vezes não conseguem realizar as tarefas na sua totalidade.

Na terceira pergunta - Concorda com os TPC?, as respostas foram que 15 pais concordavam plenamente com a sua realização, 5 pais não concordavam nem discordavam e apenas dois pais não concordavam com a realização dos TPC.(Tabela nº 5)

Na quarta pergunta - Preocupa-se em saber, todos os dias, se o seu filho/educando trás TPC da escola? , verificou-se que os pais são muito preocupados e relação aos trabalhos que os filhos têm que realizar, 20 dos pais responderam que todos os dias verificavam os trabalhos dos filhos e 2 pais disseram que verificavam se os filhos tinham trabalhos quase todos os dias.(Tabela nº 6)

Na quinta pergunta - Ajuda o seu filho/educando na realização dos TPC?, nesta pergunta todos os pais responderam afirmativamente, todos disseram que ajudavam os filhos nos seus trabalhos escolares. (Tabela nº 7)

Na sexta pergunta - Concorda com a ajuda dos pais na realização dos TPC?, as respostas não foram unânimes, apesar de, na pergunta anterior todos responderem que ajudavam os filhos a realizar os trabalhos, 3 pais responderam que nem discordavam nem concordavam e 19 responderam que concordavam. (Tabela nº 8)

Na sétima pergunta - Se sim, quanto tempo passa com o seu filho para que ele faça os TPC?, nas respostas dadas foi bem visível que a falta de tempo é um dos grandes entraves á ajuda dos pais aos seus filhos, 7 pais responderam que passavam de 15 a 30 minutos com os seus filhos para que realizassem os trabalhos, 6 pais passavam de 30 minutos a uma hora a ajudarem os filhos, 7 pais de 1hora a 1.30 minutos eram passadas com os filhos e apenas 2 pais passavam entre 1:30 minutos a 2 horas a judar os filhos com os TPC. Nenhum pai passa mais de 2 horas com o filho para o acompanhar nas suas tarefas escolares. (Tabela nº 9)

Na oitava pergunta - Se não, qual o motivo?, nesta pergunta não se obteve nenhuma resposta, pois era uma pergunta que se nas perguntas anteriores as respostas fossem afirmativas nesta não existiria resposta.

Na última pergunta do questionário a pergunta número 9 - Concorda que os TPC deverão ser prática a seguir pelo professor? Nem todos os pais responderam afirmativamente, existiu um pai que disse que os trabalhos de casa não deveriam ser utilizados pelos professores. (Tabela nº 10)

No questionário dirigido às crianças apenas existiram duas partes, uma onde as crianças assinalavam o seu sexo e outra onde colocavam a idade, a outra parte era

composra por sete questões de resposta direta. Existem 13 meninos e 9 meninas onde as idades são de 9 crianças com 6 anos e 13 com 7 anos. (Tabela nº 11 e 12)

Na primeira pergunta - Com quem vives?, a maior par das crianças (21) respondeu que vive com os pais e apenas uma criança vive com os avós. (Tabela nº 13)

Na segunda pergunta - Concordas que é bom para os alunos o professor mandar TPC?, aqui as crianças todas responderam afirmativamente, que acham importante que a professora mande trabalhos de casa.

Na terceira pergunta - Gostas de fazer os TPC?, 20 das crianças responderam que gostavam de fazer os trabalhos de casa e 2 crianças responderam que não. (Tabela nº 15)

Na quarta pergunta -Tens ajuda para fazeres os TPC?, todas as crianças responderam que sim, que tinham ajuda para a realização dos trabalhos de casa. (Tabela nº 16)

Na quinta pergunta - Quem te ajuda para fazeres os TPC?, aqui houveram várias respostas, 10 das crianças responderam que quem as ajudavam na realização dos TPC era a mãe, 4 que era o pai, 4 os avós e outras 4 os irmãos. (Tabela nº 17)

Na sexta pergunta - Concordas que é importante que os pais/encarregados de educação te ajudem com os TPC?, todas as crianças estão de acordo que os pais ajudem na realização dos TPC. (Tabela nº 17)

Na sétima e última pergunta - Porque é que os teus pais/encarregados de educação não te ajudam nos TPC?, não houve qualquer resposta, visto que, todos responderam afirmativamente á pergunta anterior.

Na análise das respostas, dos questionários realizados aos pais/encarregados de educação e ás crianças podemos fazer o cruzamento de algumas respostas e verificar que os pais estão interessados com os trabalhos dos filhos e preocupados com a sua vida escolar mas, uns com mais tempo que outros, ajudam como sabem e podem nas tarefas escolares dos seus filhos. Concordando com Marques (1997), que quando as famílias participam na vida das escolas, quando os pais tentam acompanhar e ajudar nos trabalhos dos seus filhos, estes têm melhores resultados do que os colegas com idêntico background mas cujos pais se mantêm afastados da escola. Para Davies (1989), existem também muitas vantagens num trabalho em conjunto com os pais pois, com o seu envolvimento podemos: ajudar as crianças, os pais, as escolas e esperar melhorias na sociedade que é uma sociedade democrática democrática. Ao existir um envolvimento dos pais, as crianças apresentam maior aproveitamento e desenvolvem melhor as suas capacidades intelectuais e comportamentais. Confrontando estes resultados com o que assistiamos na sala de aula,

quando se corrigiam os TPC, as crianças diziam que os pais os ajudavam e assim eles conseguiam fazer melhor os trabalhos, a praticar a leitura, etc.

Questionário dirigido aos Pais/Encarregados de Educação

Tabela nº 1 (Sexo/ Encarregado Educação)

Sexo	Masculino	Feminino
Nº de Pais	4	18

Tabela nº 2 (Idades/Encarregados de Educação)

Anos dos Enc/Educ.	31 anos	32 anos	33 anos	34 anos	36 anos	37 anos	38 anos	40 anos	42 anos	46 anos	56 anos
Nº de Enc/Educ.	2	2	2	1	2	3	3	3	2	1	1

Tabela nº 3 (Profissão)

Profissão	Nº de Encarregados de Educação
Desempregado (a)	7
Costureira	5
Empregado (a) Fabril	2
Empregado (a) Balcão	2
Doméstica	2

Auxiliar de Saúde	1
Motorista (veículos pesados)	1
Empregado (a) Escritório	1
Serralheiro	1

Tabela nº 4 (Habilitações Escolares dos Enc. Educação)

Habilitações Escolares	Nº de Encarregados de Educação
1º Ciclo Ens. Básico (4º Ano)	5
2º Ciclo - 5º Ano	0
6º Ano	6
3º Ciclo – 7º Ano	0
8º Ano	0
9º Ano	7
Secundário – 10º Ano	0
11º Ano	2
12º Ano	2

Pergunta nº 3 – Concorda com os TPC?

Tabela nº 5 (Concorda com os TPC?)

Opções de resposta	Nº de Enc. Educação
Discordo	2
Não discordo nem concord	4
Concordo	15

Pergunta nº 4 – Preocupa-se em saber, todos os dias, se o seu filho/educando trás TPC da escola?

Tabela nº 6 (Preocupa-se em saber, todos os dias, se o seu filho/educando trás TPC da escola?)

Opções de resposta	Nº de Enc. Educação
Sim todos os dias	20
Sim quase todos os dias	2
Não ou quase nunca	0

Pergunta nº 5 – Ajuda o seu filho/educando na realização dos TPC?

Tabela nº 7 (Ajuda o seu filho/educando na realização dos TPC?)

Opções de resposta	Nº de Enc. Educação
Sim	22
Não	0

Pergunta nº6 – Concorda com a ajuda dos pais na realização dos TPC?

Tabela nº 8 (Concorda com a ajuda dos pais na realização dos TPC?)

Opções de resposta	Nº de Enc. Educação
---------------------------	----------------------------

Discordo	0
Não discordo nem concordo	3
Concordo	19

Pergunta nº7 – Se sim, quanto tempo passa com o seu filho para que ele faça os TPC?

Tabela nº 9 (Se sim, quanto tempo passa com o seu filho para que ele faça os TPC?)

Opções de resposta	Nº de Enc. Educação
15 minutos a 30 minutos	7
30 minutos a 1 hora	6
1 hora 1:30 minutos	7
1:30 minutos a 2 horas	2
Mais de 2 horas	0

Pergunta nº8 – Se não, qual o motivo?

Nesta pergunta não existiu qualquer resposta, pois na pergunta anterior todos responderam afirmativamente.

Pergunta nº 9 – Concorda que os TPC deverão ser prática a seguir pelo professor?

Tabela nº 10 (Concorda que os TPC deverão ser prática a seguir pelo professor?)

Opções de resposta	Nº de Enc. Educação
---------------------------	----------------------------

Sim	21
Não	1

Questionário dirigido às Crianças/Alunos

Tabela nº 11 (Sexo /Crianças)

Sexo	Masculino	Feminino
Nº de alunos	13	9

Tabela nº 12 (Idades/Crianças)

Idades	6 anos	7 anos
Nº de crianças	9	13

Pergunta nº 1 – Com quem vives?

Tabela nº 13 Com quem vives?

Opções de resposta	Nº de crianças
Pais	21
Avós	1
Tios	0
Outros	0

Pergunta nº 2 – Concordas que é bom para os alunos o professor mandar TPC?

Tabela nº 14 Concordas que é bom para os alunos o professor mandar TPC?

Opções de resposta	Nº de crianças
Discordo	0
Não discordo nem concordo	0
Concordo	22

Pergunta nº 3 – Gostas de fazer os TPC?

Tabela nº 15 (Gostas de fazer os TPC?)

Opções de resposta	Nº de crianças
Sim	20
Não	2

Pergunta nº 4 – Tens ajuda para fazeres os TPC?

Tabela nº 16 (Tens ajuda para fazeres os TPC?)

Opções de resposta	Nº de Enc. Educação
Sim	22
Não	0

Pergunta nº 5 – Quem te ajuda para fazeres os TPC?

Tabela nº 17 (Quem te ajuda para fazeres os TPC?)

Opções de resposta	Nº de crianças
Mãe	10
Pai	4
Avós	4

Irmãos	4
Outros	0

Pergunta nº 6 – Concordas que é importante que os pais/encarregados de educação te ajudem com os TPC?

Tabela nº 18 (Concordas que é importante que os pais/encarregados de educação te ajudem com oa TPC?)

Opções de resposta	Nº de crianças
Discordo	0
Não discordo nem concordo	0
Concordo	22

Pergunta nº 7 – Porque é que os teus pais/encarregados de educação não te ajudam noa TPC?

Nesta pergunta não existiram resposta, pois á pergunta anterior todos responderam afirmativamente.

CONCLUSÃO

Não há dúvida que o bom resultados escolar está profundamente relacionado com a participação de forma positiva dos pais na educação dos filhos mas, a participação dos pais na elaboração dos trabalhos escolares tem vindo, já à bastante tempo, a ser alvo de frequentes polémicas. Enquanto alguns pais acreditam que os filhos precisam de orientação em casa para produzir melhores trabalhos, outros julgam que qualquer participação nesse campo é falta de ética, na medida em que, nem todos têm condições de fazê-lo, isto é, alguns pais não dispõem de tempo, ou não se sentem aptos, estão perante uma escola que não os estimula a um maior envolvimento, o que iriam colocar os seus filhos em desvantagem.

Durante o periodo de estágio, tivemos várias oportunidades de conversar com a professora titular, da turma onde nos encontravamos, sobre o nosso tema do relatório. Ela disse que notava que os pais só não ajudavam mais por causa do pouco tempo que dispunham, principalmente durante os dias da semana por causa dos seus trabalhos. Entre essas conversas ela também nos deu a sua opinião sobre o que pensava dos TPC. Ela é a favor dos trabalhos de casa, mas não em exagero, pois as crianças no final do dia já estão muito cansadas, principalmente quando têm Ed. Física. Se elas forem sub-carregadas de trabalhos de casa, não conseguem descansar o suficiente e no dia seguinte já chegam à escola cansadas e cheias de sono pois ficam até muito tarde para acabarem todos os trabalhos tornando-se depois muito difícil captar a sua atenção e despertar a motivação.

Como a professora está com uma turma do 1º ano, e é onde as crianças têm que criar umas boas bases para depois durante os próximos anos as irem fortalecendo com mais facilidade, todos os dias ela manda trabalhos de casa. As crianças levam uma pequena ficha com exercícios sobre os temas que foram abordados na aula naquele dia. Segundo a professora, todas as crianças são assíduas na realização dos TPC e que sabe que têm ajuda, nomeadamente a dos pais. Da sua experiência, enquanto professora, disse que as crianças que realizam os TPC, principalmente, as que têm ajuda em casa, conseguem em exercícios futuros, com os mesmos objetivos, efetuá-los com mais facilidade, rapidez e exatidão. Neste ponto, confirmamos com ela que realmente isso se passa, quando se abordava matérias novas a professora nos trabalhos de casa colocava exercícios relacionados com o tema e onde eles mostraram mais dificuldade. No outro dia as crianças iam corrigir ao

quadro. Nos dias seguintes a professora tornava a abordar esses mesmos temas e já se notava que onde existiam muitas dificuldades, anteriormente, elas quase já não se notavam e na maioria dos casos até já tinham desaparecido.

Na nossa primeira atividade nenhum pai participou, mas isso deveu-se a não terem tempo, estavam em horário de trabalho, na segunda atividade a adesão foi quase de 100% porque foi uma atividade que foi realizada durante o fim-de-semana, tinham mais tempo para dar atenção às crianças e ajudá-las nas tarefas escolares.

Para nós e com a investigação que realizamos, podemos defender o nosso ponto de vista em relação aos TPC e a ajuda dos pais na sua realização. As crianças que sentem um apoio do lado familiar, estão muito mais libertas, participativas e sem grandes receios sobre alguma dúvida que possam ter. A boa relação entre a família e a escola é o grande contributo para esta conclusão, cada um dos lados está aberto a diálogo para qualquer problema que esteja a acontecer e ambos devem procurar solucioná-lo.

Os TPC são um tema ao qual não existe consenso em relação ao seu benefício e aproveitamento mas, para nós e depois da elaboração deste relatório, estamos de acordo com a realização dos TPC mas, nada de exageros, um ou dois exercícios para consolidação da matéria é suficiente. Na turma onde elaboramos a pesquisa as crianças que o faziam diariamente foram demonstrando menos dificuldades a nível de aprendizagem e os resultados eram visíveis na avaliação que a professora ia fazendo periodicamente.

Mais do que nunca pais e professores sentem que é necessário um trabalho em conjunto entre a escola-família para que as crianças tenham sucesso no seu desenvolvimento, não só na aprendizagem escolar, como também, no sucesso como pessoas na sociedade que vivem.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, A. N. e Vieira, M. M. (2006). *A escola em Portugal*. Lisboa: ICS.
- Chalita, G. (2004). *Educação – a solução está no afeto*. São Paulo: Editora Gente.
- Cooper, H. (1989). *Homework. White Plains*. New York: Longan.
- Cooper, H. (2001). *The batler over homework: Common ground for administrators, teachers, and parents*. Thousand Oaks, Ca: Sge Publications.
- Corno, L. (2000). *Looking at homework differently*. Elementary School Journal.
- Davies, D. (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal, realidade e perspetivas*. Lisboa: Edições Livros Horizonte.
- Diogo, J. (1998). *Parceria Escola – Família. A caminho de uma Educação participada*. Porto: Porto Editora.
- Gameiro, J. (1998). *Quem sai aos seus*. 2ª Edição Porto: Edições Afrontamento.
- Hong, E. & Milgram, R. M. (2000). *Homework: Motivation and learning preference*. Westport: CT.
- Lima, L. (2003). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar*. Braga: Universidade do Minho.
- Ludke, M.; André, M. E. D. A. - *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U.
- Kreppner, K. (2000). *The child and the family: Interdependence in developmental pathways*. Psicologia: Teoria e Pesquisa..
- Mahoney, R. (2002): *Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais*. São Paulo Marques: R.
- Marques, R. (1991). *A direção de turma: integração escolar e ligação ao meio*. Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (1997). *A Escola e os Pais: Como colaborar?* Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (1998). *Professores, Famílias e Projeto Educativo, coleção Perspetivas Atuais / Educação*. Porto: Edições Asa.
- Mourão, R. M. (2004). *TPC`s Quês e Porquês: Uma rota de leitura do trabalho de casa em Língua inglesa através do olhar de alunos do 2º e 3º Ciclos do ensino básico*. Dissertação de Mestrado, Universidade o Minho: Braga.

Muhlenbruck, L. Cooper, H., B., & Lidsay, J. J. (2000). *Homework and achievement: Explaining the different relations at the elementary and secondary school levels*. Social Psychology of Education.

Oliveira, Z. M. R. (2000). *Interações sociais e desenvolvimento: A perspetiva sócio histórica*. Caderno do Cedes.

Pires, E.; Fernandes, A.; Formosinho, J. (1991). *A construção Social da Educação Escolar*. Porto: Edições Asa.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigación en ciencias sociales*. México: Limusa.

Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.

Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2002). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora.

Rego, T. C. (2003), *Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades*. Petrópolis: RJ. Vozes.

Rosário, P. (2004). *Estudar o estudar – (Des)venturas do Testas*. Porto: Porto Editora.

Sampaio, D. (1996). *Inventem-se novos Pais*. 8ª Edição. Editorial Caminho.

Santos, J. (2004). *Crises e ruturas – A crianças, a família e a escola em sofrimento*. Centro Doutor João dos Santos. Casa da Praia

Silva, P. (1993). *A ação educativa: um caso particular: o dos pais difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos*. In *Os professores e as famílias – Colaboração Possível*. Lisboa: Horizonte.

Silva, P. (2002). *A Sociologia da Educação e a Relação Escola-Família*. In *O Professor*. Ed. Caminho.

Silva, P. (2006). *Relação Escola-Família em Portugal: 1974-1994 duas Décadas, um Balanço*: In *Inovação Ed. Instituto de Inovação Educacional*.

Quivy, R. Campenhuodt, L. (1992). *Manual de investigação em Ciências Naturais*. Lisboa: Gradiva.

Madureira, I. Leite, T. (2003). *Necessidades educativas especiais*. Lisboa. Universidade Aberta.

Marques, R. (1997). *A Escola e os Pais: Como colaborar?* Lisboa: Texto Editora.

Perrenoud, P. (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.

WEBGRAFIA

<http://www.aepenafielsudeste.pt/> - consultado a 24 de maio de 2014.

<http://eb23penafiel.pai.pt/> - consultado em 15 de maio de 2015.

<http://www.cm-penafiel.pt/Default.aspx> - consultado em 17 de maio de 2015.

<http://acontecencias.blogspot.pt/2004/trabalhos-de-casa-bem-ou-mal-e.html> - consultado a 20 de maio de 2015.

CONVITE

Caro Pai/Encarregado de Educação, a turma do 1º Ano do Centro Escolar de Cabeça Santa, vem por este meio convidar-te para vires á sua escola no proximo dia 8 de janeiro de 2015 pelas 10:30 minutos. Vem partilhar connosco, durante o nosso tempo de aulas, as tuas histórias e também para assistires como é o nosso dia-a-dia na sala de aulas.

Nome do aluno_____

Nome Enc. Educação_____

Estarei presente

Não estarei presente

CONVITE

Caros Pais/Encarregados de Educação, venho por este meio pedir-vos que, se puderem durante o fim de semana, criassem com a ajuda do seu filho/educando um objeto, brinquedo, escultura, etc, usando apenas materiais reciclados.

Faça-o em conjunto com o seu filho.

Ficarei à espera para ver as vossas criações acredito serão muito bonitas.

Muito obrigada.

Professora Tânia

QUESTIONÁRIO

Destinatários:

Pais/Encarregados de Educação

Este questionário destina-se a conhecer as suas opiniões sobre alguns aspetos da cooperação entre a Família e a Escola. O objetivo é a recolha de dados para a realização de um relatório final para a obtenção do Grau de Mestre.

A sua opinião é de extrema importância para a elaboração deste relatório, pelo que peço que responda a todas as perguntas com a máxima sinceridade. Os dados recolhidos são absolutamente confidenciais, pelo que agradeço que não escreva qualquer indicação que o (a) identifique.

O tema dos trabalhos de casa em contexto escolar (tpc) é um tema de opiniões múltiplas. Opiniões que deixam autores, psicólogos e professores em posições, opiniões e argumentos opostos. Desejava saber a vossa opinião sobre o tema.

Muito obrigada pela sua colaboração, Tânia Marina Ferreira Teixeira.

Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input type="checkbox"/>
Idade	<input type="text"/>
Profissão	_____
Hab. Escolares	_____

- 1- Do seu ponto de vista, porque é que os trabalhos de casa (tpc) podem ser úteis para melhorar os resultados escolares? Que vantagens podem ter?

2- Vê algum aspeto negativo em relação às crianças levarem trabalhos de casa (tpc)? O que poderia ter feito para os evitar?

3- Concorda com os TPC?

Discordo

Não discordo nem concordo

Concordo

4- Preocupa-se em saber, todos os dias, se o seu filho/educando trás TPC da escola?

Sim, todos os dias

Sim, quase todos os dias

Não ou quase nunca

5- Ajuda o seu filho/educando na realização dos TPC?

Sim

Não

6- Concorda com a ajuda dos pais na realização dos TPC?

Discordo

Não discordo nem concordo

Concordo

7- Se sim, quanto tempo passa com o seu filho para que ele faça os TPC?

15 minutos a 30 minutos	<input type="checkbox"/>
30 minutos a 1 hora	<input type="checkbox"/>
1 hora a 1:30 minutos	<input type="checkbox"/>
1:30 minutos a 2 horas	<input type="checkbox"/>
Mais de 2 horas	<input type="checkbox"/>

8- Se não, qual o motivo?

Está fora durante a semana	<input type="checkbox"/>
Chega muito tarde a casa	<input type="checkbox"/>
Não tem paciência	<input type="checkbox"/>
Desconhece os conteúdos	<input type="checkbox"/>
Não quer, não acha importante	<input type="checkbox"/>
Outro motivo: _____	

9- Concorda que os TPC deverão ser pratica a seguir pelo professor?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

QUESTIONÁRIO

Destinatários:

Alunos

Este questionário destina-se a conhecer as suas opiniões sobre alguns aspetos da cooperação entre a Família e a Escola. O objetivo é a recolha de dados para a realização de um relatório final para a obtenção do Grau de Mestre.

A sua opinião é de extrema importância para a elaboração deste relatório, pelo que peço que responda a todas as perguntas com a máxima sinceridade. Os dados recolhidos são absolutamente confidenciais, pelo que agradeço que não escreva qualquer indicação que o (a) identifique.

Muito obrigada pela sua colaboração, Tânia Marina Ferreira Teixeira.

Masculino	<input type="checkbox"/>
Feminino	<input type="checkbox"/>
Idade	<input type="text"/>

1- Com quem vives?

Pais	<input type="checkbox"/>
Avós	<input type="checkbox"/>
Tios	<input type="checkbox"/>
Outros:	_____

2- Concordas que é bom para os alunos o professor mandar TPC?

Discordas	<input type="checkbox"/>
Nem discordo nem concordo	<input type="checkbox"/>
Concordo	<input type="checkbox"/>

3- Gostas de fazer os TPC?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

4- Tens ajuda para fazeres os TPC?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

5- Quem te ajuda a fazer os TPC?

Mãe	<input type="checkbox"/>
Pai	<input type="checkbox"/>
Avós	<input type="checkbox"/>
Irmãos	<input type="checkbox"/>
Outros:	_____

6- Concordas que é importante que os teus pais/encarregados de educação te ajudem com os TPC?

Discordo	<input type="checkbox"/>
Nem discordo nem concordo	<input type="checkbox"/>
Concordo	<input type="checkbox"/>

7- Porque é que os teus pais/encarregados de educação não te ajudam nos TPC?

Chegam muito tarde a casa	<input type="checkbox"/>
Estão a trabalhar fora	<input type="checkbox"/>
Não têm paciência	<input type="checkbox"/>
Desconhecem os conteúdos	<input type="checkbox"/>
Não querem	<input type="checkbox"/>
Outros motivos:	_____

FOTOS DE ATIVIDADE



